











7UVY Uc DY" FUa Vc c a ff]hc XY hYf g]Xc HUj Yn c df]a Y]fc YbhfY bCgž U  
VUa Uf U UhYb, ~c ei Y U XYghfi ], ~c ]bX]gV]a ]bUXU XU bUhi fYnU ]a d`]W bi a U  
ei Ygh~c fh]W Y a cfU" 5 i a WfhU U'hi fU YgWYj Yi . 5 dfchY, ~c { bUhi fYnUž Ya  
gY[ i bXc `i [ Ufž VUgY]U! gY gcVfY c df]bVd]c XU fh]W bUhi fU` ei Y Včbg]XYfU ]a cfU` U  
XYghfi ], ~c XYgbYWggzf]U Y ]bVčbg]XYfUXU Xcg hYgci fcg XU VY`YnU bUh]j U"

7cbg]XYfUbXc ei Y U : ]g]cbca ]U Xc F]c ; fUbXY Xc Gi` f i a U cVfU  
YgW]hU bc Z]bU` XU XfWUXU XY %-` \$ž Ug dfcdcghUg XY DfchY, ~c { BUhi fYnU  
UdfYgYbHUXUg g~c ] [ i U`a YbhY d]cbY]fUg YbhfY bCg" 5c ]bhfcXi n]f c Uggi bhc  
Zn Ug gY[ i ]bhYg fYZYI " Yg.

ÍC \ca Ya Z]\c XYghU hYffUž ei Y `Y ZcfbYW c d~c XY WUXU X]U Y cg  
gta Vc`cg XY gi U j ]XU Ygd]f]hi Už gYbhY i a fYgdY]hc ]bUhc dYfUbhY U Z]g]cbca ]U  
XYghU gi U a ~Y Y dzhf]U" 9bei Ubhc c YgdU, c f gi Z]WYbhY Y U XYbg]XUXY  
XYa c [ fz Z]W dYei YbUž b~c gY hcfbUa a i ]hc VčbgWYbhYg HU]g gYbh]a Ybhcgž a Ugž bc  
a ca Ybhc Ya ei Y Ug bYWgg]XUXYg Vfi HU]g XU j ]XU Zcf, Ua U ]bhYfZYf]f gYa dfY a U]g  
bU Yl dfYgg~c bUhi fU` Xc Ua V]YbhYž XYgdYfHU U Xcf dYfUbhY U XYghfi ], ~c XY gi Ug  
ZY], " Yg bUhi fU]g Y c XYgY`c XY Ug VčbgYfj Ufž gYb~c bc Včb`i bhcz Uc a Ybcg Ya  
U` [ i bg `i [ UfYg Y bcg hfU, cg a U]g WfUWYf]gh]Včg"Í

5gg]a ž bc Wfgc XY hcXUg Ug W`hi fUg \i a UbUgž a U]g WYXc ci a U]g hUfXYž  
gi f [ Ya Ug hYbX. bW]Ug XY dfchY, ~c Uh]j U XU bUhi fYnU/ i a dcj c ei Y gY XYgW ]XUggY  
XYghY Y`Ya Ybhc gYf]U Z]`hc XY i a fYei ]g]hc YggYbW]U` XU j YfXUXY]fU W`hi fU \i a UbU  
hchU` Y ]bX] [ bc XU hYffUž Vča ei Y U dfC] [ U a ~c Xc 7f]UXcf c dfYgYbhYci Í"

9 hYfa ]bU U : ]g]cbca ]U Vča ei Uhfc dfcdcghUg VčbWYH]g"

*5 primeira r e a s m numen s na urais is de ria es  
indi iduais da na ure a de imp r n ia ien i a is ri a u isi n mi a m  
se am r res des a adas p r seu ume rma rma es ge gi as ais  
in eressan es u ins ru i as r ed s e m n an as de ar er pe u iar  
seguem e emp s na p*

*5 segunda r e a esp ies ni as e gi as em perig*

! 7cbgYfj U, ~c XUg a UhUg j ]f [ Ybg" 5hf \c`Y c XYga UhJa Ybhc YghYj Y  
YbhfY [ i Y Uc UW]gcž gi `Y]hc Uc VY` dfUnYf Xcg Xcbcg Xcg `chYg" v i a Yffc Z bYghc  
YbhfY [ Uf hcXUg Ug a UhUg U dfcdf]Yhzf]cg ]bX]j ]Xi U]g Y UVUbXcbz! Ug Ya gY [ i ]XU  
Uc a UWUXc" Bc ]bhYfYggY [ YfUž c 9ghUXc XYj Y fYWUa Uf dUfU g] dcf, " Yg XU  
fYgYfj U ZcfYghU` Yž U`fa X]ggcz j ] [ Uf gUV]Ua YbhY Ug XYffi VUXUg bYWggzf]Ug dUf U  
`Uj ci fU"

- Florestamento e reflorestamento .....

- Proteção aos animais. ....

A terceira. Harmonização das obras humanas com a paisagem natural

- As moradias..... integradas na natureza

- Traçado das estradas .... integrados n natureza

- Utilização das quedas de água .... sem desfigurar demais a paisagem natural.

A quarta. Criar parque e reservas naturais como nos grandes países civilizados

- O exemplo dos Estados Unidos com seus 50 parques - a Rússia - o Canadá - Argentina. E o Brasil: na época só com dois parques.

Critérios para a criação de parques: o perigo da destruição incessante pela loucura e a riqueza das formas naturais.

No Rio Grande do Sul: As matas virgens do Alto Uruguai e os Aparados da Serra.

Na concepção de Rambo, como deverias ser um parque?

Quando em 1956 visitou os parques americanos a convite daquele país, resumiu o seu conceito de parque natural, com as palavras:

“Desde que voltei da América, empenhei-me que também no Brasil se constituíssem mais parques nacionais. Até agora dispomos de dois, um nas terras montanhosas do Itatiaia e o outro nas cataratas do Iguassu. Se tudo correr bem teremos, em breve, um terceiro nas escarpas orientais dos Aparados da Serra, com o Taimbezinho como núcleo inicial. O lamentável é que entre nós, constrói-se em primeiro lugar um enorme hotel para atrair os turistas endinheirados de dentro e fora do país. Com isto está viciado o conceito de um autêntico parque. O parque deve estar a serviço da proteção da natureza de do recreio do povo. O rico que aparecer, deve ser obrigado a viver com a mesma simplicidade que o operário e o colono. As pessoas que não conseguem dispensar o hotel caro, o rádio, a televisão, a dança e o jogo, que fiquem onde tudo isto está disponível de qualquer forma. Em nenhum parque jamais escutei um rádio berrando, nem observei algum aparelho de televisão, nem percebi música de dança, nem presenciei chás dançantes. De maneira alguma quero afirmar que o americano médio é melhor do que nós. Uma coisa, porém, é certa. Eles têm mais compreensão, mais decência e mais respeito perante a beleza e a tranquilidade da natureza criada por Deus”.

Na apresentação para essa tentativa de desenhar os traços mais marcantes do Pe. Rambo, sinalizei para a concepção do mundo e do universo que subjaz à sua produção literária e científica. A condensação, a síntese do seu pensamento encontra-se formulada num série de 46 cartas, redigidas entre os anos de 1944 e 1947. P. Pe. Rabuske que reuniu essas cartas e as preparou para uma publicação expressou assim a sua opinião sobre elas:

“Duvida-se sem qualquer favor, da existência de outros, que lhe sejam iguais ou semelhantes em nossas fileiras sob o ponto vista cultural e até mesmo literário. Neles está, por assim dizer o Pe. Balduino Rambo todo inteiro, com suas limitações, defeitos e paixões, mas também com seus enormes dotes, próximos ao gênio. Sua pessoa, vida e obra, faz lembrar de algum modo a um Salomão do Cântico dos Cânticos, a um Agostinho nas suas confissões, a um Pascal nos seus Pansées, a um Nietzsche no vigor da linguagem de um Assim falou Zaratustra, a um Peter Lippert, na originalidade de suas cartas Desde o Egadin, ou a um Teilhard de Chardin no seu Fenômeno Humano.

Acrescentaria ainda um Nicolau de Cusa com sua síntese do mudo resumida nas palavras “Da multiplicidade das partes emerge o Todo”; de Ludwig von Bertalanffy com sua teoria “Organísmica e Sitêmica”; e finalmente “A Linguagem de Deus” de Francis Collins, diretor do Programa Genoma.

É nessas cartas que se concentra de alguma forma o pensamento do Pe. Rambo atendendo a praticamente todas as questões existenciais do homem. Ele próprio deixou algumas sugestões para o título da síntese como, “Do Múltiplo ao Uno - Cartas sobre a síntese das Ciências Naturais.”

Escolhemos ficar com esta sugestão de título para concluir a exposição sobre vida e obra de. Rambo.

“Do Múltiplo ao Uno” - Própria colocação dos dois conceitos expressa a preocupação do autor. A questão não se resume em compreender a multiplicidade das realidades que formam o universo e as suas correlações mútuas. Não se trata também de identificar as leis que regem essas correlações. O que importa é saber o que cada um delas, no seu nível de perfeição e complexidade, representa na compreensão do todo do universo.

E o universo com o que o Pe. Rambo trabalhou compreende tanto as realidades inanimadas, como o mundo vegetal e animal, como homem e o próprio Deus. Neste universo não há lugar para a tradicional dicotomia de conceitos, não raro antagônicos como material e imaterial, espírito e matéria, corpo e alma, divino e humano, sagrado e profano, espiritual e corporal, vida e morte, tempo e eternidade. Na medida em que incursionava nas mais diversas vertentes do conhecimento e, na medida em que refletia sobre o mundo, o homem e o Deus da tradição cristã, foi-se esboçando uma concepção sintética, uma compreensão na qual foram ocupar o seu devido lugar, as realidades mais insignificantes, mais prosaicas, como é uma nuvem, uma flor, uma lagartixa, um seixo de arroio, como também as mais sublimes como é o homem e o próprio Deus. Tudo vai adquirindo sentido e assumindo identidade na medida em que se insere na totalidade e dela faz parte integrante. A multiplicidade, na sua aparente dispersão, vai dando lugar a um todo harmônico que encontra na metáfora da sinfonia a sua melhor expressão. Da pluralidade e da combinação das notas musicais, sons e ritmos, executados por meio de instrumentos tecnicamente perfeitos e por mãos, dedos e bocas de virtuosos, sob a batuta de um maestro talentoso, resulta a sinfonia em toda a sua grandiosidade. A metáfora da sinfonia oferece uma imagem muito próxima do "múltiplo ao uno", como o Pe. Rambo formulou em síntese o seu pensamento. O universo não é constituído por notas isoladas, acordes fora do todo e fora do contexto, instrumentistas perfeitos, mas isolados, maestros geniais sem alma. Tudo isso até pode impressionar, mas jamais produzirá o gozo estético e empolgação plena da sinfonia.

Em lugar de formular uma concepção abstrata do universo para, por meio de deduções matemáticas entender as realidades e determinar-lhes o lugar que lhe cabe, procurou nelas próprias os elos que as relacionam entre si e, por este caminho, chegar ao todo e no todo encontrar a razão de ser de cada uma das partes em particular. Portanto, ao se dedicar à ciência, não o fez pelo conhecimento científico em si, mas para descobrir o que ele tem a oferecer para entender o todo.

E assim foi a vida do Pe. Rambo, seja como literato, seja como mestre no Colégio Anchieta, seja como catedrático na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, seja como líder colonial, seja como cientista, seja como sacerdote jesuíta. Impulsionava-o uma incansável busca pelo sentido do universo e tudo que nele existe e se movimenta: as leis que o regem, o mundo mineral que o compõe, os seres vivos que lhe dão vida e colorido, o homem que nele constrói a sua História, a pergunta pelo começo, a incógnita pelo destino final e, em meio a esta unidade cósmica a pergunta crucial: E nisto tudo, qual é o lugar de Deus e qual é o destino do homem? Em toda a sua obra científica e literária, a busca da síntese faz com que o universo e suas partes, o homem e Deus, façam sentido, perpassa como um fio condutor as linhas e as entrelinhas da sua obra. Foi esta inquietude e esta mesma curiosidade que levou o Pe. Rambo a enfrentar as perplexidades e aparentes contradições da vida pessoal e comentar, sem reticências, os conflitos mais íntimos, os acertos e desacertos no seu relacionamento com as pessoas e instituições. Em toda essa multiplicidade de surpresas agradáveis, decepções, descobertas, observações, o que importava era vislumbrar o Todo na Multiplicidade, a sinfonia produzida pela orquestra de muitos instrumentos, muitos instrumentistas, muitas sons e muitos acordes.

E, nada mais significativo do que a reflexão que registrou em seu diário, feita diante do monumento a Don Quixote de la Mancha, nos jardins do Museu de Cultura Hispânica em Nova York: "Somos como loucos, dotados de momentos de lucidez, tropeçando e caindo em busca de Deus".





Fac-Simile da Capa. Pag. 121 "A pluralidade na unidade".